

**IMPERATRIZ, O POVO
E A FAMA: a violência
imaginária no jornal
O Progresso (MA)**

IMPERATRIZ, THE PEOPLE AND THE
FAME: the imaginary violence in the
newspaper *O Progresso* (MA)

IMPERATRIZ, EL PUEBLO Y LA FAMA:
la violencia imaginaria en el
periódico *O Progresso* (MA)

Denise Cristina Ayres Gomes¹

Letícia Feitosa Barreto²

Pollyana da Silva Galvão³

André Wallyson Ferreira da Silva⁴

Lanna Luiza Silva Bezerra⁵

Laura Glapinski Zacca^{6, 7}

RESUMO

O artigo discute a violência no jornal maranhense *O Progresso* (OP) a partir das teorias do imaginário (MAFFESOLI, 2001; 2003a; SILVA, 2012). Fundado em 1970, o veículo assume lugar de destaque na produção do discurso que

¹ Professora e pesquisadora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), doutora em Comunicação Social/ PUCRS, mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, especialista em Midiologia e Cultura nas Sociedades Contemporâneas (UFPA) e jornalista. E-mail: dayres42@gmail.com.

² Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: leticiafeitosabarreto@gmail.com.

³ Jornalista, graduada pelo curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: pollyanagalvao05@hotmail.com.

⁴ Jornalista, graduado pelo curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: andre_wallyson@hotmail.com.

⁵ Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: lannaluizasb@gmail.com.

⁶ Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: lauraa.zacca@hotmail.com.

⁷ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologias – Rua Urbano Santos, s/nº - Imperatriz – MA, Brasil.

fundamenta a modernização da cidade de Imperatriz. *OP* encena a violência ao relatar e opinar sobre os crimes, ao mesmo tempo em que procura negar que Imperatriz seja considerada violenta. O semanário reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. O *corpus* é composto por 79 ocorrências dos anos de 1970 e 1971. Compreendemos a violência imaginária como um constructo simbólico resultante da ação jornalística sobre a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; imaginário; violência; *O Progresso*; Imperatriz.

ABSTRACT

The article discusses the violence in the newspaper *O Progresso (OP)* from the theories of the imaginary (MAFFESOLI, 2001; 2003a; SILVA, 2012). Founded in 1970, the vehicle takes center stage in the production of the speech that underpins the modernization of the city of Imperatriz. *OP* enacts violence when reporting and opining about crimes, while at the same time trying to deny that Imperatriz is considered violent. The weekly magazine reiterates the professional mythology when it is placed like neutral instance, mediator of the facts and the public. The *corpus* is composed of 79 occurrences of the years 1970 and 1971. We understand imaginary violence as a symbolic construct resulting from the journalistic action on reality.

KEYWORDS: journalism; imaginary; violence; *O Progresso*; Imperatriz.

RESUMEN

El artículo discute la violencia en el diario maranhense *O Progresso (OP)* a partir de las teorías del imaginario (MAFFESOLI, 2001; 2003a; SILVA, 2012). Fundado en 1970, el vehículo asume un lugar destacado en la producción del discurso que fundamenta la modernización de la ciudad de Imperatriz. *OP* encena la violencia al relatar y opinar sobre los crímenes, al mismo tiempo que busca negar que Imperatriz sea considerada violenta. El semanario reitera la mitología profesional al colocarse como instancia neutra, mediadora de los hechos y el

público. El *corpus* se compone de 79 ocurrencias de los años 1970 y 1971. Comprendemos la violencia imaginaria como un constructo simbólico resultante de la acción periodística sobre la realidad.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; imaginario; violencia; *O Progresso*; Imperatriz.

Recebido em: 19.08.2017. Aceito em: 15.12.2017. Publicado em: 29.06.2018.

INTRODUÇÃO

O artigo discute a violência relacionada ao imaginário produzido pelo jornal maranhense de circulação regional *O Progresso (OP)*, no contexto de modernização de Imperatriz (MA) na década de 1970. A cidade passava por um intenso processo de expansão, resultado dos projetos desenvolvimentistas iniciados em 1960 na Amazônia Legal que atraíram grandes fluxos migratórios. A região se transforma radicalmente e perde o caráter rural para dar lugar à explosão demográfica, à urbanização desordenada e, conseqüentemente, à violência.

O Progresso inicia as atividades em 3 de maio de 1970 e assume lugar de destaque na produção do discurso que fundamenta a modernização da cidade. O veículo sintetiza os valores modernos e funciona como dispositivo moralizante, julgando as condutas dos cidadãos a serviço da ordem e do desenvolvimento.

Além da função pragmática de informar, o jornal promove valores e crenças em torno de uma cidade que se transforma e paira como ideal desejado e sonhado. De outro lado, o veículo encena a violência, assinalando condutas e grupos desviantes que são vistos como ameaças à pretensa ordem social.

A violência como elemento constituinte do ser humano possui formas simbólicas de expressão. A ritualização e a narratividade possibilitam circunscrever e regular o fenômeno para evitar o aniquilamento social. O jornalismo opera como dispositivo ritualístico, procurando ordenar a realidade através de narrativas que evidenciam os modelos a serem seguidos e os desvios condenáveis.

O que nos interessa neste estudo é a violência como um constructo simbólico, resultante da ação jornalística sobre a realidade. Tratam-se de

sentidos veiculados que alcançam a esfera social e repercutem no cotidiano. O jornal se torna palco privilegiado onde o material fático protagoniza a cena.

Concebemos o jornalismo como “tecnologia do imaginário” (SILVA, 2012), instância discursiva que promove ambiência e interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que se espalham no social. O discurso se abre a uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam a esfera racional, o controle e despertam sensações que tendem a atuar na esfera prática.

Selecionamos 79 ocorrências entre matérias, colunas e notas que tratam da violência e os editoriais dos anos de 1970 e 1971. Utilizamos a abordagem qualitativa das teorias do imaginário (MAFFESOLI, 2001; 2003a), bem como a noção de tecnologias do imaginário (SILVA, 2012).

A violência como fenômeno complexo

A violência acompanha a história da humanidade. Trata-se de um fenômeno comum em todas as sociedades, expressando-se de variadas formas. O termo provém de *vis*, palavra do antigo indo-europeu que designava “a fibra com que o arqueiro vergava a madeira para atirar a flecha”. (SODRÉ, 2006, p.19). A palavra violência está associada à força, ambas as palavras têm o sentido de transformação e realização. Há uma dualidade presente no arco e flecha, sendo a madeira representando o resistente; e o arco, o flexível. A partir da tensão entre os dois, ocorre a ação, o movimento.

A violência é um traço fundacional da sociedade, característica do estado de natureza ou, como afirma Hobbes (2008), uma “guerra de todos contra todos”. Segundo o autor, os homens se submetem à autoridade por medo da violência e da morte. Já em Freud (2010), a violência é constitutiva da subjetividade, havendo uma pulsão de morte que implicaria a destruição do sujeito.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) define o fenômeno como

o

uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações.

A perspectiva compreensiva adotada neste estudo visa superar a concepção reducionista do fenômeno, para retomar o sentido paradoxal da origem do termo. Ao mesmo tempo em que desagrega as pessoas, rompe a ordem instituída e provoca danos, a violência é vetor de mudanças sociais, integra uma dualidade inerente ao humano. O ordenamento tende a produzir rotina e repetição porque existe uma expectativa de cumprimento das regras. A violência ameaça o estabelecido e dinamiza a realidade.

A fenômeno é estruturante da esfera coletiva e resulta do dinamismo social. Compreendemos a violência como dissidência social que

inscreve-se num duplo movimento de destruição e de construção, ou ainda, que ela é reveladora de uma desestruturação social relativamente manifesta, e que ela invoca uma nova construção. (MAFFESOLI, 1987, p. 21).

O aumento da violência em Imperatriz, portanto, integra as mudanças que a cidade experimentou na década de 1970. A expansão dos meios de comunicação, neste caso o jornal *O Progresso*, possibilita que a violência se “desencarne” e ultrapasse a condição material, pairando como atmosfera, a partir dos sentidos veiculados.

A construção da modernidade em Imperatriz

A modernidade procura explicar os fenômenos à luz da razão. Trata-se de negar o lado "sombra" do ser humano, a tensão imanente que provoca movimento. A sociedade moderna possui uma representação normativa de si mesma e desconsidera os paradoxos. Pretende-se regular o coletivo, objetivando seu funcionamento utilitário, a partir de uma perspectiva produtivista. Aplainam-se as tensões constituintes do ser humano, proclamando-o como uma instância racional por excelência.

É difícil conceber que os tempos modernos basearam-se na positividade das coisas e formaram, por consequência, o espírito positivo. Em oposição a um real complexo, realidade única prevalecente reduzida a Um. Realidade mensurável, quantificável e estatisticamente definida. [...] (MAFFESOLI, 2012, p. 20).

A modernidade procura exaltar a identidade e ordenação de todas as coisas. A violência, portanto, é considerada desvio e torna-se ameaça à ordem instituída. "Com efeito, na ideologia do *homo economicus*, o facto de ter analisado o indivíduo como *pivot*, auto-suficiente, da sociedade, conduziu a eliminar ou, pelo menos, a postular a ultrapassagem da imperfeição". (MAFFESOLI, 2003, p. 13).

O Progresso evoca os valores da modernidade ao noticiar o desenvolvimento de Imperatriz e a necessidade de os cidadãos se submeterem à lei e à ordem. A população deve estar vigilante e informada sobre os riscos que corre ao desobedecer as normas, frequentar locais perigosos ou adotar determinadas condutas. A responsabilidade recai sobre o próprio sujeito que precisa estar atento a seus atos. "O indivíduo se sente 'exposto' a novos 'perigos' que não são concebidos como simples fruto de uma distorção da

modernidade, mas, ao contrário, são o próprio resultado de sua realização". (MARTUCCELLI, 1999, p. 160)

Imperatriz se encontra em um local estratégico, na confluência dos estados do Maranhão, Tocantins e Pará, a chamada região tocantina ou "bico do papagaio". O local passou por intensas transformações, experimentando um verdadeiro "surto" de desenvolvimento que atraiu milhares de migrantes em busca de oportunidades.

O sudoeste maranhense era ainda pouco explorado e possuía muitas riquezas naturais. Era necessário estimular o povoamento, integrando a área ao restante do Brasil. A abertura da rodovia Belém-Brasília nos anos 1960 propiciou o crescimento vertiginoso da região. "[...] Dalí para a frente tudo foi muito rápido – a conclusão do desmatamento, a construção da pista e o encascalhamento. Como um milagre, a explosão demográfica aconteceu." (PEREIRA, 1997, p. 109).

A década seguinte representa o apogeu das mudanças. Os grandes projetos desenvolvimentistas implantados pelo governo federal estimularam os fluxos migratórios e a população aumentou 172% (FRANKLIN, 2008). O caráter rural cede espaço à ocupação desordenada do espaço urbano. Imperatriz se torna a segunda cidade mais populosa do Maranhão.

Com a implantação das Centrais Elétricas do Maranhão (Cemar) na cidade, em 1971, e a progressiva instalação de grupos geradores de energia para atender a sua sempre crescente demanda, Imperatriz experimentou, na década de 70, seu maior crescimento, tanto econômico quanto populacional, impulsionada pelo ciclo econômico da madeira, em franca expansão, que atraiu técnicos e mão-de-obra desqualificada das mais diversas regiões do país. (FRANKLIN, 2008, p. 143).

O crescimento populacional aliado à ausência de políticas públicas, o governo cooptado com grupos econômicos visando explorar intensamente a

região com latifúndios para a criação de gado, são fatores expressivos e contribuíram para o aumento da violência. Soma-se ainda a heterogeneidade cultural e a falta de vínculos dos migrantes com a cidade.

Imperatriz ainda carecia de infraestrutura, oferta serviços e mão de obra qualificada. Os conflitos de terra se tornam frequentes na região e, na década de 1980, Imperatriz ganha o epíteto de “Capital Nacional da Pistolagem”. “Neste cenário de expropriação e violência, o Estado participa do início ao fim; do incentivo e permissão à execução.” (TEIXEIRA, 2016, p. 31).

A chamada modernidade se traduz na abertura de estradas e ruas e a chegada de empreendimentos de diferentes setores, expansão da oferta de energia elétrica, abertura de bancos e o primeiro cinema. O jornal *O Progresso*, semanário de notícias gerais, inicia as atividades em 1970 e assume lugar de destaque na produção do discurso que fundamenta a modernização da cidade. *OP* permanece até os dias atuais como veículo de referência na região.

O Progresso e a mitologia profissional

O jornalismo carrega a herança positivista herdada do século XIX. Os ideais de objetividade, neutralidade, a crença na razão, o apego a dados e a busca da precisão são princípios que embasam os procedimentos da profissão. O jornalismo é oriundo do imaginário moderno e funda-se no “mito da transparência”, colocando-se como “espelho” da realidade, mediador dos fatos, para obter credibilidade. A atividade traduz uma forma de conceber o mundo, produz imaginário e cria a mitologia da profissão.

Um jornalismo que, fundado no exercício de um discurso de verdade, estruturalmente tendente à proliferação de informação e opinião, parecia ser um mecanismo criador de transparência, mas resvalava ao reduzir o complexo universo do imaginário social a um real que só poderia resultar deformado. (VOGEL, 2008, p. 5).

A separação entre fato e opinião coloca o jornalista como um comunicador desinteressado, comprometido apenas com a verdade e alheio a pressões. Compromissado com o interesse social, o jornalista teria o dever de observar a realidade de forma isenta e equilibrada. A imagem de mediador entre os fatos e o público integra a mitologia profissional.

[...] A noção-chave desta mitologia é a noção do “comunicador desinteressado”, onde o papel do jornalista é definido como o do observador neutro, desligado dos acontecimentos e cauteloso em não emitir opiniões pessoais. [...]”. (TRAQUINA, 2016, p. 233).

O relato noticioso promove o sentimento de pertença, realçando fatos que dizem respeito à coletividade. As pessoas se interessam por notícias que tenham a ver com a realidade em que vivem. Imperatriz se desenvolve e o grande fluxo migratório complexifica as relações. Os habitantes tendem a perder as referências e necessitam de informações que os orientem e os vinculem diante das mudanças. Para Contrera (2002), esses vínculos são capazes de agregar uma grande quantidade de pessoas por meio de símbolos que estabelecem uma estreita relação entre emissor e receptor.

Além do caráter informativo e meramente utilitário, o jornalismo promove relação, partilha entre os membros da comunidade. As pessoas querem se ver no jornal, procuram alguma forma de identificação, ainda que seja no espaço criminal. Os leitores se detêm em informações que os sensibilizam de alguma forma, provocando empatia.

Por mais que isso horrorize os críticos politicamente corretos, as pessoas não querem só informação na mídia, mas, também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. (MAFFESOLI, 2003a, p. 15).

O jornalismo ultrapassa o fato, construindo um discurso que modifica os modos de ser, agir e sentir. A mídia é uma dimensão constituinte da sociedade e interfere cada vez mais no mundo cotidiano. As próprias definições de realidade se modificam com a ação dos meios que conferem visibilidade e amplificam certos fenômenos, enquanto outros não são divulgados.

O Progresso como tecnologia do imaginário

O jornalismo parte da realidade factual, mas submete-a a técnicas da profissão para torná-la singular, atrair a atenção e produzir sensações no público. O jornalismo é uma atividade simbólica, transcende o fato para transformá-lo em notícia. O produto tem dimensão social, repercute na esfera prática e exprime valores, crenças, visões de mundo e sentimentos, enfim, integra um estado de espírito que denominamos imaginário.

As pessoas tendem a conceber o jornalismo em oposição ao imaginário. Aquele, baseado no material fático, parece incompatível com algo que remete ao sonho, à falsidade e à imaterialidade. No entanto, compreendemos que a prática jornalística é produto e produtora de imaginário. "Aí está a marca iconoclasta do jornalismo, que foge das imagens porque elas remetem ao inefável, ignorando que é do imaginário que a realidade salta, é para o imaginário que ela corre". (BARROS, 2007, p. 123).

O jornalismo manifesta o imaginário em narrativa, promove interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que passam a fazer parte do social. O discurso jornalístico, mesmo que apelando para a razão, não é unívoco e possui vários sentidos que ultrapassam a esfera racional. O discurso de *O Progresso* desperta sensações, produz visões de mundo que atuam na realidade.

A magia, o rito, a religião e o mito são formas de narrar e ritualizar a condição humana. Acrescentamos ainda o jornalismo, que traduz e condensa a complexa realidade, através de narrativas. O discurso é erigido de modo estratégico, criando mitos, valores e crenças sobre a mundo. O imaginário “sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. (SILVA, 2012, p.12).

A atividade jornalística é um processo sociocultural que instaura sentidos e se reorganiza ao ser confrontado com as especificidades dos fenômenos. Ainda que ancorado no material fático, o jornalismo produz versões e algumas se impõem diante de outras. O jornalista não é neutro e interpreta a realidade a partir de vários fatores que interferem na construção da notícia como constrangimentos cognitivos, emocionais, técnicos, organizacionais, profissionais, econômicos e culturais. Além disso, ocorre a atuação do imaginário que combina e extrapola todas essas esferas para figurar como “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente.” (SILVA, 2012, p. 9).

Compreendemos que o discurso jornalístico reveste o cotidiano de significados, partilhando sentidos que vinculam as pessoas e permitem coesão social. *O Progresso* se constitui uma “tecnologia do imaginário” (SILVA, 2012) porque emprega a técnica própria da profissão para modificar, desvelar e atribuir sentido ao mundo. O imaginário “sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. (SILVA, 2012, p.12). Assim, o dispositivo não é apenas mediador de fatos, como afirma *O Progresso*, mas instância que atua de forma simbólica, produzindo visões de mundo que repercutem no cotidiano.

A violência imaginária no jornal *O Progresso* (MA)

O semanário *O Progresso* exerce a função de mediador entre os fatos e o público, mas a atuação não é neutra e imparcial. O jornal se encarrega de ser um agente propulsor do desenvolvimento e símbolo da evolução cultural do povo. Dedicando-se a construir uma imagem positiva de Imperatriz, o periódico evidencia o potencial da cidade como futura metrópole.

O veículo sintetiza os valores modernos, resultado do idealismo do proprietário que chegou a rejeitar a ideia do logotipo inicial de *O Progresso* por ser em itálico. Em uma coluna, Kalam Heleuterios conta a história do surgimento do jornal e esclarece que o empresário José Vieira achou que a logotipia em itálico não dialogava com a proposta do semanário. “Não serve. Se ‘O Progresso’ já começa deitado, quem é que vai acreditar nesse progresso?” (HELEUTERIOS, 3 mai 1970, p.3). As letras inclinadas remeteriam “a estar deitado” e não dariam credibilidade a um veículo que se propunha a expressar o desenvolvimento.

Os textos opinativos demarcam a função do jornal como um “agente unificador de idéias e costumes” (OP, 03 mai 1970, p.3). *O Progresso* reafirma a mitologia profissional ao exaltar sua atuação imparcial, embora não demonstre rigor na apuração das notícias sobre crimes praticados na cidade. Como ainda não contasse com uma redação profissionalizada e editoriais definidas, *OP* reproduz boletins de ocorrência para narrar as histórias criminais.

O jornal reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. Desse modo, o veículo parece reproduzir a verdade factual, além de se posicionar a serviço das camadas populares. “ASSIM como o jornal é u’a máquina, o jornalista também o é” (OP,

06 jun 1971, p. 3), afirma o editorial. O jornal se colocou como porta-voz do projeto moderno, atuando de forma simbólica para ordenar o espaço urbano.

Ao apresentar Imperatriz como moderna e civilizada, o discurso de *OP* se mostra contraditório. Os editoriais e colunas procuram justificar a violência como um fenômeno comum das regiões que se desenvolvem e ainda criticam os jornais de São Luís por noticiarem a violência em Imperatriz. Os textos opinativos procuram combater a fama de “terra de pistoleiros” conferida pelos veículos da capital e evidenciam as promessas de melhorias feitas pelo então governador Pedro Neiva de Santana, a fim de afastar a desconfiança geral.

De outro modo, o semanário evidencia os fatos criminais, critica a falta de organização da cidade e pede providências às autoridades. Ao abordar as transgressões, *OP* reitera a norma e delimita grupos e locais que oferecem risco à população. É nesse espaço discursivo que os excluídos se tornam protagonistas da cena social.

Em outras palavras, é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são “desviantes”: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente. [...]. (SERRA, 1980, p. 19).

Certos grupos ou indivíduos são responsabilizados pelo crimes, sempre tratados de forma pontual e descontextualizada. Os desvios não são atribuídos a um conflito social maior. A política desenvolvimentista do governo federal, as disputas por terras, a exploração de recursos naturais, a ocupação desordenada e a omissão das autoridades são desconsideradas como fatores sociais que contribuem para a violência. No entanto, o jornal opta por narrar histórias particulares como forma de criar identificação e emocionar o público.

Em algumas ocorrências, observa-se o uso do humor como recurso para atrair a atenção do leitor. Esse expediente acaba obscurecendo o senso crítico do público e diverte, provocando uma espécie de catarse, liberando pulsões reprimidas. A tragédia, a morte e a violência são amenizadas devido à linguagem satírica e popular, que busca aproximar-se do leitor. (ANGRIMANI, 1995).

Observa-se o viés sensacionalista que atua emocionando o leitor através de clichês sobre os envolvidos, apresentando-os como transgressores e, portanto, mercedores dos infortúnios. O título “Deixou a noiva careca” (OP, 26 jul 1970, p.3) narra como a protagonista ficou sem os cabelos, devido à agressão por parte do companheiro que descobrira ter sido traído durante a lua-de-mel. Partindo de uma visão moralista, o jornal ignora a humilhação vivida pela mulher e destaca que a lesão sofrida foi culpa de sua conduta imoral. O texto expõe um julgamento moral ao apoiar a atitude do agressor, justificando-a como um ato compreensível.

À primeira vista, a história desperta curiosidade que pode incitar o riso devido à maneira como foi escrita. A gravidade do ocorrido é atenuada ao longo do texto como se tratasse apenas de mais uma briga entre marido e mulher. O riso funciona como catarse que alivia a tensão e instiga a psique humana obscurecendo o lado racional. A capacidade cognitiva de analisar o que é certo ou errado fica comprometida quando o leitor se depara com uma narrativa que evidencia o humor e o envolve a ponto de não compreender a gravidade do que se está lendo. (ANGRIMANI, 1995).

A matéria intitulada “Mulher mata companheira de cabaré” relata o crime de modo pontual e justifica-o como revanche a uma agressão. Uma das prostitutas é chamada de “mundana” e tem o nome completo publicado, mesmo sendo menor de idade. Além de narrar o crime de maneira sucinta, visto

que o fato ocorreu em outro município e não há informações precisas ou fontes citadas, o jornal exhibe a punição. “Há inquérito e Maria José Bandeira está recolhida à cadeia pública;” (OP, 18 abr 1971, p.2). Implicitamente, o semanário reafirma que “o crime não compensa”: uma mulher está morta, a outra na cadeia. Ao assinalar os desvios, o discurso reafirma, de modo sub-reptício, os valores e regras da sociedade.

Outro exemplo é a matéria intitulada “Velocidade & Cachaça – Desastre” (OP, 19 set 1971, p.1). O título inusual demonstra a incipiência do semanário quanto às práticas jornalísticas. No entanto, de modo direto e sintético, evidencia que dirigir alcoolizado redundava em acidente. A transgressão é exibida no jornal, sendo publicados o nome do motorista e até o número da carteira de habilitação que provém do estado da Bahia, evidenciando que o condutor deva ser um migrante.

O jornal se coloca como porta-voz da população quando destaca o interesse público em torno dos julgamentos ocorridos na Vara Criminal de Imperatriz, afirmando que se trata de um clamor social. No editorial “Um grito de alerta”, o impresso avisa que “quem aqui se insurgir contra a lei, prepare-se para encontrar pela frente a mão firme da justiça” (OP, 14 mar 1971, p.1). O recurso é uma forma de reprimir os desvios e exaltar a punição.

Ao se portar como um dispositivo que preza pela lei, *OP* cumpre o que divulga nos editoriais como sendo “uma constante na vigilância da ordem e do respeito” (OP, 06 jun 1971, p.3). A busca pela obediência às normas está presente também quando o semanário exige providências quanto ao caos no trânsito de Imperatriz, palco de sucessivos atropelamentos e vítimas.

Punam-se os infratores e responsáveis pelos excessos de velocidade, imprudência nos cruzamentos das artérias públicas e pelo abuso de

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p660>

invadirem as calçadas para 'caçar' os transeúntes. (OP, 21 mar 1971, p.3).

E ainda, o jornal convoca o leitor a se autogerir, evitando o porte de arma sem autorização e o consumo de álcool. O semanário exerce a função pedagógica de informar o que é contravenção penal, evidenciando o comportamento transgressor. *OP* se coloca como instância moralizante, mostrando aos cidadãos como devem se portar na cidade que cresce e se complexifica. "Portanto, cidadão, cuidado! E lembre-se disto: o homem armado, sem licença, é um infrator da lei. Armado e bêbado ele é um criminoso em potencial". (OP, 03 de maio de 1970, p.1).

Eivado dos valores modernos, *OP* defende a moral, os princípios do trabalho e do progresso, como o próprio nome do semanário indica. O jornal procura enfatizar a imagem de uma cidade que se desenvolve e é composta por "gente ordeira e trabalhadora, que mesmo contra os desígnios da Ilha [a capital, São Luís], saltou de repente dos últimos escalões para um dos primeiros postos de concôrto (sic) estadual" (OP, 27 jun 1971, p.2). O trecho se refere ao grande crescimento econômico e social proporcionado pela chegada de empreendimentos industriais na cidade como setores do comércio e a construção civil.

O semanário rejeita com veemência os rótulos considerados difamatórios e "desprimorosos" publicados na mídia de São Luís. *OP* assegura que se tratam de "julgamentos apressados, partidos de premissas falsas, baseadas, às vezes, numa parcial e única fonte de informação." (OP, 27 jun 1971, p.3). Estabelece-se desse modo, um hiato entre o relato dos fatos criminais, e as opiniões que tentam minimizar os acontecimentos.

Na coluna “Imperatriz, o povo e a fama”, Toinho Rodrigues afirma que a reputação de cidade violenta é exagero.

Quando ouço alguém falar que a má fama de Imperatriz em outras plagas, é bem maior da que pensa seu povo, uma dúvida paira em torno de minha mente: Verdade ou exagero? Acabo admitindo a última hipótese [...] (OP, 18 de abril de 1971, p.3)

O autor conta ainda que, quando foi estudar em São Luís, as pessoas tinham medo dele por ser natural de Imperatriz. “[...] os sussurros de ouvido a ouvido começaram a surgir, como se lá estivesse o Django ou mesmo o ‘Homem mau’ de Roberto Carlos”. (RODRIGUES, 18 abr 1971, p.3). Os personagens fictícios “encarnaram” no habitante de Imperatriz, demonstrando a eficácia do imaginário em interferir na esfera prática.

Os editoriais e as colunas abordam a criminalidade como algo “normal”, dentro das estatísticas, típica de um município que se desenvolve. “[...] Delimita-se o desvio, a disfunção para melhor tratá-los.[...]” (MAFFESOLI, 1987, p. 16). O jornal afirma em editorial que não reforça a violência. “Não endossamos o crime; nós o lamentamos” (OP, 27 jun 1971, p.3). O texto critica a mídia de São Luís por afirmar que Imperatriz é uma cidade violenta. Tal imagem refletiria o desconhecimento da realidade local.

No título “E a justiça caminha”, o autor da coluna Heliografando evidencia a atuação da justiça para punir os criminosos, em resposta às críticas negativas de jornais da capital do estado.

E neste ângulo da questão é que aparece o destaque da figura austera, imparcial e provécta do dr. José de Ribamar Fiquene, meritíssimo juiz da Vara Criminal e presidente do Tribunal do Júri em Imperatriz, fazendo prevalecer a Lei acima dos doestos e das calúnias que se pretende infrutiferamente imputar a nossa cidade. (OP, 12 set 1971, p.3).

Por criticar as declarações da mídia da capital, *OP* estimula o sentimento de separação do restante do estado, declarando inúmeras vezes nos textos opinativos que “já é tempo de pedirmos o território tocantino” (*OP*, 18 abr 1971, p.3). A ideia de se criar um estado autônomo, o Maranhão do Sul, observa-se no início do jornal e se estende até os dias atuais. Desse modo, o veículo se torna porta-voz do que considera apropriado para o futuro de Imperatriz e justifica ser “o legítimo representante deste poder, queiram ou não queiram”, a fim de trazer a “unificação de toda a família imperatrizense”. (*OP*, 06 jun 1971, p.3).

O aumento dos índices de violência são alardeados nas páginas do semanário e criam uma atmosfera de medo e desconfiança. As matérias evidenciam os riscos à população apontando horários perigosos e condutas transgressoras que tendem a interferir no cotidiano. “Quando se esperava que a Vigilância Noturna pusesse um fim a essa onda de assaltos, eis que os guardas não estão dando conta de sua missão que é especialmente a de prevenir. [...]’ (*OP*, 20 set 1970, p. 2).

O dispositivo se calca em técnicas que visam dar transparência à função representativa e simbólica do discurso, conferindo credibilidade às notícias criminais. Observamos que quase todos os relatos são reproduzidos de boletins de ocorrências policiais, prática ainda comum no jornal.

O Progresso atua ainda como instância moralizante, demarcando as condutas desejáveis e as que não se enquadram na sociedade. Neste trecho, a preocupação é com a criminalidade. Até a época de chuvas na região é motivo de preocupação. O chamado “inverno” predisporia as pessoas ao crime. “[...] Os lamaçais, as estradas sinuosas, a chuva forte, a longa espera do arroz, deixam nas pessoas uma nostalgia perigosa. [...]”. (*OP*, 27 fev 1970, p.2).

Na matéria intitulada “Os abusos continuam na rodoviária”, o jornal destaca os indivíduos perigosos ou indesejáveis que ficam no local, cometem crimes e são ameaça constante aos cidadãos.

[...] apontamos a quem de direito a continuação dos abusos enumerados naquela oportunidade, os quais podem ser aqui novamente citados: a presença de menores de 12 anos naquele recinto, alta noite, de permeio com marginais; a presença diurna de menores que cometem ali toda sorte de abusos; o conluio entre prostitutas e marginais [...]; a presença constante de um leproso naquele Terminal, em contato com balcões de vendas e com passageiros ou mesmo com os menores e até com os vendedores de frutas; e finalmente, a indiferença do policiamento [...] (OP, 26 jun 1970, p.2).

O olhar jornalístico enfoca os indivíduos que não estão de acordo com a ética do trabalho e se tornam entraves ao desenvolvimento de Imperatriz. Assim, os criminosos “infestam a cidade” e precisam ser banidos. O leproso, ainda que não cometa crimes, é indesejável porque não se enquadra na lógica produtiva, além de poder contagiar outras pessoas, pondo em risco até as frutas vendidas. A ameaça de contaminação se torna mais perigosa na rodoviária por ser um local de passagem.

Considerações finais

O Progresso está eivado dos valores do imaginário moderno, instrumento de objetificação da realidade, portador da verdade, que afirma ser capaz de traduzir os fatos de forma neutra e transparente. Como defensor da ordem e do desenvolvimento, o veículo aborda os crimes e se revela “um mecanismo reformativo” (VOGEL, 2008). O jornal irrompe como espaço de visibilidade e condenação dos crimes.

O dispositivo se calca em técnicas que visam dar transparência à função representativa e simbólica do discurso, conferindo-lhe credibilidade. *O Progresso* reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. Como vetor de sentidos, o veículo é capaz de criar uma atmosfera que ultrapassa o fato, isto é, produz imaginário.

O jornalismo é uma “tecnologia do imaginário” e cria ambiência, mobilizando instâncias não racionais. Podemos afirmar que *O Progresso* teatraliza a violência ao relatar e opinar sobre os crimes, transformando-os em um discurso que visa emocionar o leitor. Como ressalta Maffesoli (2001a, p. 177) “todos os aspectos da existência social estão marcados do selo do teatral. Mesmo e incluindo os níveis mais racionais ou os mais sérios [...]”.

A realidade é constituída por algo de imponderável que a ultrapassa; o imaginário. Amparado na técnica, o discurso jornalístico traduz a violência em formas simbólicas que circulam na sociedade e produzem ambiência, daí denominamos tal fenômeno como “violência imaginária”. Os crimes e as opiniões expressas nas ocorrências mostram o interesse que o assunto desperta. *O Progresso* parte da realidade factual, mas utiliza técnicas para elaborar o discurso que, uma vez posto em circulação, produz ambiência, isto é, imaginário. Daí se afirmar que o imaginário é real.

Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARROS, ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA. **Sob o nome de real**: imaginário no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural. Anablume: Fapesp, 2002.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 2 ed., São Paulo: Martin Claret, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Vértice, 1987.

_____. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, n.15, p. 74-82, agosto 2001.

_____. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.

_____. **Entre o bem e o mal**: compêndio de subversão pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. **A comunicação sem fim** (teoria pós-moderna da comunicação). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, n.20, p. 13-20, abr 2003a.

_____. **Homo eroticus**: des communions émotionnelles. Paris: CNRS, 2012.

MARTUCCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. **Tempo Social**. USP, São Paulo, v.11, n. 1; p. 157-175, mai 1999.

Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório **Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: OMS; 2002. Disponível em: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acesso 02 jul 2017.

PEREIRA, Waldemar Gomes. **Meu pé de tarumã florido**. Imperatriz: Ética, 1997.

SERRA, Antonio. A. **O desvio nosso de cada dia**: a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. 3. ed.; Porto Alegre: Sulina, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. 2.ed., Porto Alegre: Sulina, 2006.

TEIXEIRA, Natália Mendes. **Imperatriz – “A terra da pistolagem”**: assassinatos, memórias, fatos, representações e lógicas sociais. Imperatriz, MA: Ética, 2016.

TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis, Insular, 2016.

VOGEL, Daisi I. **Sobre Foucault e o jornalismo**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: Umesp, 2008.

Matérias citadas

A MORTE é vida e a seca é o progresso. **O Progresso**, Imperatriz, 09 agosto 1971. Editorial, p.1

AUMENTAM os assaltos. **O Progresso**, Imperatriz, 20 setembro 1970, p. 2

ATROPELAMENTOS. **O Progresso**. Imperatriz, 21 de março de 1971, p. 3

DEIXOU a noiva careca. **O Progresso**. Imperatriz, 26 de julho de 1970, p.1

E A JUSTIÇA caminha. **O Progresso**. Imperatriz, 12 setembro 1971, Coluna Heliografando, p. 3

HELEUTEROS, Kalam. Progresso. **O Progresso**. Imperatriz, 03 maio 1970, p.2.

MULHER mata companheira de cabaré. **O Progresso**, Imperatriz, 18 abril 1971, p. 2.

NOSSA Caminhada. **O Progresso**. Imperatriz, 03 maio de 1970, p.1

O JULGAMENTO da paixão. **O Progresso**. Imperatriz, 27 junho de 1971, p. 1

- O PODER da imprensa. **O Progresso**. Imperatriz, 06 de junho de 1971. p.1
- OS ABUSOS continuam na rodoviária. **O Progresso**. Imperatriz, 26 junho 1970, p. 3.
- PARA O SEU GOVERNO. **O Progresso**, Imperatriz, 03 maio 1970, p. 1.
- RODRIGUES, Toinho. Imperatriz, o povo e a fama. **O Progresso**. Imperatriz, 18 abril 1971, p. 3).
- UM GRITO de alerta. **O Progresso**. Imperatriz, 14 março 1971. Editorial, p. 1
- VELOCIDADE & Cachaça – Desastre. **O Progresso**. Imperatriz, 19 setembro 1971, p. 3.